

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Temer não humilha tanto como ser temido: controle e perseguição a “Gangue da AIDS”
(Florianópolis 1987).**

Graziele Regina de Amorim*

Resumo: O surgimento da AIDS/SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), na década de 1980, provocou mudanças em relação ao comportamento sexual da população. Pretendo investigar os discursos acerca da “Gangue da AIDS”, e como a cidade de Florianópolis se viu em perigos na sua normalidade. Tratava-se assim da denominação ao grupo acusado de ter disseminado o vírus da AIDS, através de seringas contaminadas e relações sexuais sem o uso de preservativo. Nos discursos foram bem presentes: o pânico, acusações e o controle do corpo. Aos portadores do vírus HIV, a discriminação ocorreu por serem vistos como pessoas entregues à promiscuidade, a luxúria, à perversão sexual e aos grupos de risco. Assim busco compreender a história da “Gangue da AIDS” e de que forma este fato contribui para aumentar o preconceito e a vigilância sobre o outro.

Palavras-chave: AIDS – controle - preconceito.

Abstract: The sprouting of the AIDS/SIDA (Syndrome of Acquired Imunodeficiencia) in the decade of 1980 it provoked changes in relation to the sexual behaviour of the population. I intend to investigate the speeches concerning “Gang of the AIDS” and as the city Florianópolis if it saw in perigos in its normality. One was thus about the denomination to the accused group to have spread the vírus of the AIDS through contaminated syringes and sexual relations without the condom use. In the speeches they had been property in possession: the panic, accusations and the control of the body. To the carriers of vírus HIV the discrimination occurred for being as people you deliver to the promiscuity the luxury to the sexual perversion and the groups of risk. Thus I search to understand history of “Gang of the AIDS” e of that if forms this fact contributes to increase the preconception and the monitoring on the other.

Keywords: AIDS – control – preconception.

Na década de 1980 com o surgimento da AIDS, o comportamento sexual e as práticas sociais passaram a ser permeadas pelo preconceito e o medo do outro. As alterações na normalidade de uma cidade, causadas pela síndrome, trouxeram uma série de preconceitos, sendo o grande alvo o corpo. E dessa forma, que em outubro 1987, na cidade de Florianópolis, histórias de uma suposta "Gangue da AIDS" vieram a tona nos jornais de circulação local. Estes traziam a história de um grupo de jovens, acusados de estarem disseminando o vírus da AIDS, através de seringas contaminadas e relações sexuais sem o uso de preservativo de maneira dolosa. Pânico, acusações e o controle do corpo fizeram parte dos discursos sobre o grupo.

* Mestranda em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

As acusações recaíram sobre um casal que residia no Edifício Helsinque parte do condomínio Europa, localizado no bairro Trindade. Os acusados eram: Rosângela Corrêa, conhecida como “Zú” e João Machado, o “Dedinho”, moradores do apartamento 821. Outra acusada foi a Patrícia de Oliveira Bastos, moradora do apartamento 841, local em que segundo a moradora (ROSINHA, 2006), que reside até hoje no edifício, aconteciam os encontros dos jovens, festas e supostamente sessões de aplicações de cocaína utilizando à mesma seringa. Toda acusação partiu de uma outra jovem, que estava residindo a pouco tempo neste edifício, morando algum tempo com Patrícia Bastos e o com casal logo depois. Natural de canoas, Rio Grande do Sul, a garota Márcia Regina Corrêa da Silveira, acabou entregando o suposto “esquema” à polícia depois que fora acusada por “Zú” e “Dedinho” por prática de furto. No 5º Distrito Policial da capital no dia 18 de outubro de 1987, a garota presa, deu início então a “Caça a Gangue da AIDS”.

A AIDS síndrome, que pune aqueles que são desregrados em relação a sua sexualidade, proporcionou na sociedade florianopolitana e em muitas outras cidades, o medo e o pânico em relação ao outro, como se este pudesse pelo simples contato social ameaçar a nossa vida. “O comportamento perigoso que produz a AIDS é encarado como algo mais do que fraqueza. É irresponsabilidade, delinqüência o doente é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente” (SONTAG, 1989: 31).

As enfermidades geralmente são encaradas pela nossa sociedade como uma condenação, e nesse sentido, ocorrem muitas metáforas, como bem colocou a autora (SONTAG, 1989: 9), “A metáfora, escreveu Aristóteles, consiste em dar a uma coisa o nome de outra”. E em se tratando da AIDS corporificada como uma doença, que no começo da década de 1980 se apresentava resistente a tratamentos e inteiramente desconhecida, não tardou para que ocorresse a metaforização da AIDS,

[...] a metaforização da AIDS a transforma numa condenação, as pessoas acostumam-se à idéia de que a doença inevitavelmente se espalhará por todo o mundo. Essa é a utilidade tradicional das doenças sexualmente transmissíveis: apresentá-las como castigos impostos não apenas a indivíduos, mas também a todo um grupo (“licenciosidade geral”) (SONTAG, 1989: 64).

A falta de medicamentos e recursos para se estacionar a síndrome no começo da epidemia, ainda proporcionou a representação de que a AIDS era uma doença que matava o indivíduo rápido e era extremamente contagiosa. O portador da AIDS tornou-se assim uma ameaça à sociedade, que o via como o resultado dos abusos cometidos em relação à sexualidade. A homossexualidade foi motivo para que se criassem os mais variados discursos que, desde o começo do século XIX, foram alvo de hipóteses. Assim para uns, a

homossexualidade é uma perversidade, enquanto, para outros, ela está mais relacionada aos tempos atuais e pode ser entendida como uma doença. Na primeira, é preciso condenar, enquanto, na segunda, compreender e tratar (VINCENT, 1992).

Na memória, como a do médico (IWERSEN, 2006), histórias sobre o caso diziam que o bairro Trindade era chamado de “Trindaids”. Isto devido a estas representações, espécie de “lendas urbanas”, que criavam no imaginário da cidade a idéia de que os portadores do vírus da AIDS se caracterizavam como uma ameaça àquela localidade. Segundo (CHARTIER, 1990), representação designa a maneira pela quais diferentes realidades são construídas, pensadas e lidas por diferentes grupos sociais. Assim podemos entender como a sociedade florianopolitana, representou aquela realidade e construiu concepções que orientaram as práticas sociais.

E ainda, podemos dizer que o jornal *Diário Catarinense*, no qual trouxe estas matérias sobre o episódio, além de cometer atitudes antiéticas, quando revelou nomes de pessoas que estavam sendo acusadas de participarem do dito grupo disseminador do vírus da AIDS, posicionou-se como formador de opinião também. De forma que podemos pensar, no que (FLORES, 1997) discorre quando analisa a forma que a mídia representou a Farra do Boi. Para a autora, a mídia não se limitou a aumentar o curso das informações, como também modelou suas características, estabelecendo relações complexas entre informação e imaginação,

A informação é recebida de forma contínua, diversas vezes por dia, atomizada e fragmentada. O acontecimento será posto no esquecimento dentro de pouco tempo, mas, no momento em que está em foco, é realçado, ocupa grandes espaços em horários nobres, em manchetes de capa, etc. (FLORES, 1997: 95).

A AIDS, enfermidade sexualmente transmissível, foi posta assim, como consequência dos nossos excessos entendidos pela sociedade como transgressões. E nesse sentido, os jovens acusados foram alvos de perseguições, consequências da onda de pânico na capital criada pelos jornais, pelas autoridades públicas e por alguns moradores do edifício Helsinque. Neste, ocorreu medo entre os moradores, que não deixavam seus filhos saírem na rua para brincar, com medo de que as crianças pudessem pisar nas seringas contaminadas pelo grupo. (DELUMEAU, 1989) nos diz que este termo “medo” é uma emoção precedida de surpresa que provoca a nossa consciência de um perigo presente, ameaçando nossa conservação.

A filósofa (CHAUI, 1987:36), nos fala sobre medo, em que este: “Rouba-nos a coragem e dá ensejo à crueldade”. (CHAUI, 1987: 44). Isso pode ser evidenciado quando

analisamos situações de medo, que geraram perseguições, como no episódio da “Gangue da AIDS”.

A imprensa apesar dos esforços em divulgar os estudos e descobertas da comunidade científica em relação ao tratamento da síndrome, na maioria das vezes, tratou os casos e histórias sobre a AIDS de maneira sensacionalista, reforçando o imaginário coletivo de que a AIDS era um efeito necessário para resolver condutas socialmente reprováveis. (NASCIMENTO, 2004).

Nesse sentido, podemos pensar sobre as metáforas,

A idéia de que a AIDS vem castigar comportamentos divergentes e a de que ela ameaça os inocentes não se contradizem em absoluto. Tal é o poder, a eficácia extraordinária da metáfora da peste: ela permite que uma doença seja encarada ao mesmo tempo como um castigo merecido por um grupo de “outros” vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos (SONTAG, 1989: 76).

Parte desta onda de pânico foi construída pela mídia impressa da cidade, que tratou o caso de maneira sensacionalista e abusiva. Os nomes dos acusados, bem como supostas histórias eram postas constantemente nas capas e matérias dos jornais locais. Nestas, o conteúdo amedrontava os leitores sobre a história da “Gangue da AIDS”, estigmatizando-os, ao ponto dos moradores e a população em geral, revoltar-se contra o grupo. Era como se qualquer desordem na cidade fosse culpa destes jovens. Não tardou para que se começassem perseguições ao grupo, bem como pessoas suspeitas de estarem fazendo parte da gangue. Boates, e outras casas noturnas, estiveram na mira da polícia como locais supostamente perigosos à sociedade. Os frequentadores foram obrigados a realizarem testes para detectarem o vírus da AIDS. Acreditavam as autoridades policiais e as da saúde, ser tais medidas as mais eficazes no combate a doença, Assim,

O delegado e diretor da DEIC (Departamento Especializado em Investigações Criminais) Elói Gonçalves de Azevedo, planeja uma blitz em boates e casas noturnas de Florianópolis, em busca de novos casos de aids que poderiam espalhar o vírus. Os alvos principais da blitz serão os toxicômanos. “Precisamos identificar os contagiados levar para exames”, diz Elói. A partir de agora, o DEIC começará a fazer um mapa de boates e de pontos de prostituição da cidade, identificando os frequentadores e intimando-os a fazer o teste (LUNGE, Diário Catarinense, 28 out. 1987: 10).

Percebe-se medidas de controle sobre os corpos dos indivíduos, atitudes eugênicas e uma criminalização dos indivíduos acusados de serem transgressores das normas da sociedade. De acordo com (SONTAG, 1989), nesta onda de medo da contaminação de doenças infecciosas exigem-se que as pessoas sejam submetidas a “exames”, e isoladas, levantando barreiras contra a contaminação, seja ela real ou imaginária.

E alguns leitores ainda enviaram cartas para o jornal *Diário Catarinense* colocando opiniões com um teor bem radical também, como a de uma mãe inconformada com a situação que ela acreditava ser bem real,

Como mãe de três adolescentes, dois rapazes e uma menina, estou estarrecida com o noticiário sobre a chamado “Gang da AIDS”, composta por garotas e marginais, que transformaram um apartamento na Trindade em cenário para toda a sorte de depravações, e em foco de transmissão desta doença fatal, A que ponto chegamos! E doloroso ver a degeneração moral desta gente, agora condenada à morte, e que, conscientemente transmitiu a doença a outros tantos indivíduos. Um crime sem perdão! (LEMOS, Diário Catarinense, 26 out. 1987).

Esse comportamento passou a ser freqüente em tempos de uma epidemia, que tem a relação sexual como uma das formas de contágio. De forma que foi possível pensar através de (FOUCAULT, 1985) a maneira que a sociedade passa a ver o indivíduo cada vez mais como responsável pela doença, através do cuidado de si. Por um lado, a prevenção tem importância fundamental, na medida em que, tenta conscientizar a população do uso do preservativo durante as relações sexuais. Mas além dessa preocupação com a disseminação do vírus, temos um discurso que condena a questão do prazer e do comportamento sexual.

Uma das primeiras notícias esteve presente no jornal *Diário Catarinense*, no qual trouxe a seguinte reportagem: “*Caça à gangue da a AIDS*” (22 out. 1987: 18), parte de uma das várias matérias que, no mês de outubro de 1987, fez-se bem presente no jornal. As perseguições aos jovens passaram a ser frequentes,

Com 70 homens da Polícia Militar e 35 do DEIC (Departamento Especializado em Investigações Criminais), a polícia cercou o Morro do Mocotó, centro, no início da manhã de ontem, para prender alguns traficantes que estariam vendendo cocaína aos moradores do apartamento 821, do Edifício Helsing, na Trindade, João Machado, o “João Dedinho”, Rosângela Corrêa, a “Zu” e Patricia de Oliveira 27 anos. Eles são possíveis portadores do vírus da AIDS e estariam disseminando propositalmente a doença, com o objetivo de contagiar o maior número de possível de pessoas. (Diário Catarinense, 22 out. 1987: 18).

Os portadores do vírus da AIDS passaram a ser vistos como criminosos, aumentando mais o preconceito. O medo criado pela mídia impressa, que não se limitou a noticiar fatos, também acabou exercendo o poder de influenciar a opinião pública. O medo foi responsável por fazer, até mesmo muitos moradores deixarem seus apartamentos, como se os acusados fossem sair pelas ruas tentando injetar uma seringa contaminada nas pessoas.

Os títulos e manchetes das matérias são sempre assustadores. Como as colocadas logo nas primeiras matérias, “Com o objetivo de disseminar o vírus e obter dinheiro para cocaína, garotas fizeram programas com pessoas conhecidas na cidade” (Diário Catarinense, 22 out.1987: 18). Através de alguns relatos da jovem Márcia Regina Corrêa da Silveira, a

reportagem tenta mostrar aos leitores um esquema organizado por garotas “drogadas” com objetivos de contaminar o maior número de pessoas com o vírus, não só através de seringas, mas também através de relações sexuais.

Todo esse preconceito pode ser compreendido pela maneira que a AIDS foi vista desde o seu surgimento, no começo década de 1980. No começo da epidemia, a sociedade acreditava que somente pessoas ligadas aos grupos de risco poderiam contrair o vírus da AIDS. Os primeiros alvos foram os homossexuais, que já sofriam um preconceito pela sociedade por serem considerados anormais e fracos moralmente. A variedade de sintomas da AIDS provoca nos indivíduos a necessidade de classificá-los, como tentativa de controlar a síndrome, vista geralmente na idéia de uma doença e não como um estado clínico em que o organismo perde sua imunidade. É como se depois de classificar a doença se pudesse isolá-la, e desta forma ter o controle para destruir a AIDS. Podemos nos perguntar se não foi da mesma forma que, tão logo, foram criados determinados grupos de risco, e entre esses grupos classificaram as pessoas que usavam drogas, como mais um “grupo de risco”.

Em resposta ao medo e às atitudes preconceituosas surgiram vários grupos sociais preocupados em ajudar os portadores a resgatarem a cidadania, da qual estavam desprovidos por conta da rejeição e da tentativa de isolamento. Neste contexto surgiram ONGs (Organizações Não Governamentais) com o intuito de promoverem campanhas de prevenção, assistência aos portadores do vírus da AIDS. Em 1987, surge na capital de Santa Catarina o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da Aids), com o objetivo de atender os portadores do vírus.

A perseguição ao grupo denominado de “Gangue da AIDS”, pode ser entendido como o resultado do medo, informações veiculadas de forma sensacionalista e errônea pela mídia impressa e outros meios de comunicação durante a década de 1980. Até mesmo, programas como o *Fantástico*, da rede globo, noticiaram o caso, como bem colocou a autora (BARATA, 2006) em dissertação sobre como a mídia noticiou a AIDS. E os jovens do bairro Trindade ainda foram indiciados por fazerem parte da “Gangue da AIDS”, no qual esta acusação desencadeou um Inquérito Policial. Neste inquérito é interessante observar o depoimento das autoridades locais: médicos, delegados e os moradores que residiam no edifício Helsinque..

Este caso acabou ganhando tal repercussão, que os acusados acabaram sendo enquadrados como disseminadores de moléstia grave. E para isso, responsáveis pela segurança pública da cidade, buscavam incansavelmente provas e legitimações nas leis. De acordo com o delegado Luiz Carlos, entre as autoridades responsáveis pelo caso “Gangue da

AIDS”, era preciso comprovar a existência do crime cometido pelos acusados. Buscou-se respaldo através do Código Penal Brasileiro que, na visão do delegado, era defasado, datado de 1940. Mesmo assim, o caso foi posto de acordo com o artigo 131 do código. Segundo este: “Perigo de contágio de moléstia grave, com pena de um a quatro anos de reclusão e multa de CZ\$ 1 mil e 20 mil pela falta de uma legislação específica”. (Diário Catarinense, 22 out. 1987: 18). Uma das provas que a polícia precisava para provar intenção dolosa por parte da “Zú”, “Dedinho” e Patrícia estava pautada no exame da jovem que denunciou todo o caso, a jovem Márcia Regina Corrêa da Silveira. Expectativa e especulação ocorreram, por parte da imprensa e das autoridades, que aguardavam o resultado do exame da garota, para que este servisse como prova do crime.

Mas o Inquérito acabou por ser arquivado, pois o exame foi negativo, e em fins do ano de 1987, a mídia impressa já não noticiava mais sobre o caso. Mesmo assim, este evento curto deixou na memória de muitos moradores da cidade de Florianópolis a idéia de que o bairro Trindade era sinônimo de contágio da AIDS. E ainda, pôde nos mostrar como o preconceito, culminou em controle do corpo e medo.

Referências bibliográficas:

- BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da Aids no Brasil: o Fantástico** apresenta a doença ao público (1983-1992). 2006. Dissertação – Universidade de São Paulo.
- BOATES e prostituição estão na mira. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 out. 1987: 18.
- CHARTIER, Roger. **A historia cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.
- CHAUI, Marilena. **Sobre o medo**. In: CARDOSO, Sérgio (Org) Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A farra do boi: palavras, sentidos e ficções**. Florianópolis: UFSC, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- IWERSEN, Rui Martins. **Entrevista concedida a Grazielle Regina de Amorim**. Florianópolis, 11 maio. 2006. (fundador do GAPA).

LEMOS, Cecília Barros. **AIDS**. Diário Catarinense. Florianópolis, 26 out. 1987.

LUNGE, Rubens. **Blitz contra suspeitos de AIDS**. Diário Catarinense. Florianópolis, 28 out. 1987: 10.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. (Orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Paralelo 15. Brasília, 2004.

RISOS e medo no círculo da morte. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 out. 1987: 18.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SPIER, Rosinha. **Entrevista concedida a Grazielle Regina de Amorim**. Florianópolis, 21 de setembro de 2006.

VINCENT, Gérard. **Uma história do segredo?**. In: PROST, Antoine. VINCENT, Gérard. (Org.) **História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.